



TRATADO ELEMENTAR DE ARQUITETURA

Regina de Paula. UERJ

RESUMO: Em torno dos trabalhos apresentados na exposição *Tratado elementar de arquitetura*, o artigo elabora uma reflexão sobre o espaço arquitetônico, com ênfase na arquitetura modernista, levando em consideração uma apreensão subjetiva do espaço.

Palavras-chave: arte contemporânea, arquitetura, livro de artista, subjetividade.

ABSTRACT: Related to the artworks presented in the exhibition *Tratado elementar de arquitetura* [Elementary Discourse on Architecture], this article reflects upon the architectural space, with an emphasis on Modernist architecture, taking under consideration a subjective apprehension of space.

Key words: contemporary art, architecture, book object, subjectivity.

Em um desses dias em que resolvemos praticar o desapego, eliminando o que não está em uso, me deparo com um livro antigo, abandonado na estante: *Le vignole de poche*, baseado no tratado clássico de arquitetura, de Giacomo Barozio da Vignola, em edição francesa de 1890. Trata-se de um estudo das cinco ordens clássicas, publicado originalmente em 1562.

A origem desse pequeno livro é significativa. Foi retirado da biblioteca de meu avô em algum momento entre a minha infância e adolescência. Por algum motivo, provavelmente por suas ilustrações, fui impelida a apropriar-me dele. Nessa época, meu avô já havia falecido há muito tempo, e sua biblioteca, composta em maior parte por livros de direito, já tinha sido alvo de muitas retiradas.

Essa história traz à tona a vivência na casa de meus avós, em Curitiba, na qual costumava passar longos períodos de férias. Durante a noite me recordo de flunar pela casa, colhendo impressões de seus ambientes: a textura do brocado das cortinas, os objetos, os móveis, a pintura decorada das paredes. Realizava, também, com os primos o ritual anual de expedições arqueológicas. Entrávamos no porão engatinhando, munidos de lanternas, mas pouco encontrávamos além de muita poeira. A incursão mais significativa era ao sótão, onde a descoberta de uma

pequena porta oculta, que denominamos “passagem secreta”, nos conduzia a um universo variado de objetos abandonados, vestidos de festa, recortes de jornal, cartas, convites de um casamento não realizado, coisas que por vezes nos revelavam histórias familiares recalcadas. Essas são as lembranças mais remotas de meu interesse por certo tipo de espaço que, bem adiante, conformaria uma poética muito específica em meu trabalho.

Félix Guattari, ao tratar da questão espaço e corpo, leva em consideração a sua inseparabilidade na construção de uma “discursividade espacial”. Assim, tendo como premissa a não autonomia dos espaços construídos, diz que uma paisagem pode “ao mesmo tempo adquirir uma consistência estrutural de caráter e me interrogar, me encarar fixamente de um ponto de vista ético e afetivo que submerge toda densidade espacial.”¹ Nesse sentido, “percepções atuais do espaço podem ser ‘duplicadas’ por percepções anteriores”.² Para além do visível e funcional, pode-se então falar da existência de “universos incorporais” dos espaços construídos.³

No início dos anos 90, me deparei com um desses lugares “duplicadores”, corredores desertos que se situavam no plano inferior da biblioteca da Columbia University em Nova York, onde realizei o mestrado. Ali fui tomada por uma forte sensação que me levou à realização de um registro fotográfico do lugar. Em 1999, ao ampliar algumas dessas imagens, dei início à série denominada *Não-habitável*. A característica marcante desses espaços vazios é uma densidade existencial, certa atmosfera, que possui, fazendo uso do termo utilizado por Roland Barthes para a fotografia, um *punctum*.⁴ Para o autor, trata-se do “detalhe” que na fotografia atrai, incita. Este conceito simples e pertinente pode, com facilidade, ser transportado para outras esferas. Mais tarde, tive uma percepção análoga ao cruzar, de madrugada, os corredores do Super Shopping Center Cidade de Copacabana.



Série *Não-habitável SSCC*, 2012
fotografia
44 x 57 cm
(Fotografia: Wilton Montenegro)

Projetado em 1956, pelo arquiteto Henrique Ephim Mindlin, localizado no Rio de Janeiro, no bairro que integra seu nome, é um shopping com características arquitetônicas pioneiras no contexto da urbanização da cidade. Trata-se de um conjunto comercial eclético, configurado a partir de uma modernidade pós-guerra, isto é, sem o purismo ou o rigor do funcionalismo, mas que ainda faz uso da planta livre, e busca uma plástica diferenciada pelo uso de volumes e das possibilidades dos materiais industrializados. Quando concebido, não havia no Rio de Janeiro, e provavelmente no Brasil, shopping-centers nos padrões internacionais ou americanos. Contudo, o tipo de comércio a ser ali implantado não foi planejado e a sua ocupação comercial demorou algumas décadas em decorrência de conflitos entre os incorporadores do projeto. Tornou-se um híbrido do shopping definido como de “vizinhança”, que reúne lojas de conveniência, e o “especializado”, composto principalmente por lojas especializadas, no caso, os antiquários e bricabraques, tornando-se assim conhecido como “Shopping dos Antiquários”.



Tratado elementar de arquitetura, 2012
 Galeria Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro
 (Fotografia: Wilton Montenegro)

Vídeos: *Tratado elementar de arquitetura*, 2012 e *Não-habitável(SSCC)*, 2006

Série *Tratado elementar de arquitetura*, 2012
 fotografia
Tratado elementar de arquitetura (Le vignole SSCC), 2012
 Livro e desenho com fita adesiva

Recentemente, apresentei na galeria Mercedes Viegas Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, a exposição *Tratado elementar de arquitetura*, constituída por dois núcleos de trabalhos. O primeiro, que dá título à exposição, gira em torno de intervenções realizadas nas páginas do livro *Le Vignole de Poche*, sobre o texto e as ilustrações. Trata-se de desenhos ‘colados’, feitos com fita adesiva, de perspectivas dos corredores do Shopping dos Antiquários e de fragmentos de sua planta baixa que são reproduzidos livremente.

A sobreposição das linhas arquitetônicas do shopping sobre o texto e as ilustrações do *Le Vignole* estabelece uma possível associação entre duas temporalidades, a clássica e a moderna, marcadas por um ideal de pureza que, de certo modo, expõe o seu contrário. As inserções nas páginas do *Le Vignole* configuram uma experiência espacial híbrida, criando, como denominado por Anthony Vidler, um “espaço deformado” (*warped space*), aquele que, segundo o autor, resulta em uma “arte intermediária”,⁵ provocada pela “convergência e colisão da mídia arquitetônica e artística”.⁶ São investigações que levam em consideração uma ideia psicológica de espaço.

Integram também esse núcleo pequenas imagens do Shopping dos Antiquários, fotografias das páginas desenhadas do livro e dois vídeos, apresentados simultaneamente e de modo complementar, projetados na mesma parede, um acima do outro. Em formato maior, o primeiro apresenta fotografias editadas do livro *Le Vignole de Poche* sendo folheado manualmente, com as intervenções sobre suas páginas vistas quadro a quadro. O segundo vídeo, projetado abaixo, em menor escala, registra os corredores e vitrines do Super Shopping Center Cidade de Copacabana, desvelando sua arquitetura e mercadorias, e é inspirado na fotografia que passeia pelo espaço, como os olhos de uma pessoa, do filme *Ano Passado em Marienbad*, de Alain Resnais.



Série *Cubo Paisagem*, 2009 (esq.)
 Fotografia
 Autorretrato, série *Não-habitável SSCC*, 2012 (dir.)
 Guache sobre papel e impressão serigráfica
 sobre acrílico
 (Fotografia: Wilton Montenegro)

O outro grupo de trabalhos relaciona a paisagem natural à arquitetura: arestas de um cubo sobrepostas à praia de Copacabana; um autorretrato em guache onde linhas simulam a perspectiva dos corredores do Shopping impressas sobre a caixa de acrílico que o contém; uma sequência de três fotos em preto e branco retratando um castelinho de areia sendo destruído pelo mar; pequenos cubos de areia no chão da galeria agrupados num formato que alude a um recorte da planta baixa do shopping em questão; na parede próxima, a imagem de um menino exibindo um pequeno castelo de areia, elemento simbólico da infância e recorrente em minha obra, final; e, finalmente, uma forma arquitetônica emblemática, um pequeno templo feito de areia, também apresentado em borracha preta maciça. Este, além da cor escura, não possui a porosidade e a permeabilidade da areia. Os pequenos templos, ao contradizerem o ideal de eternidade e a clareza iluminista, aludem ao trabalho realizado sobre o estudo das ordens clássicas de Giacomo Vignola.



Castelo (exemplo), 2012
Fotografia
(Fotografia: Wilton Montenegro)





Série Cassino Atlântico, 2012
Fotografia
Cubo paisagem (Copacabana), 2012
Areia, impermeabilizante e cola
(Fotografia: Wilton Montenegro)



Templo negro, 2012
Borracha

Templo de areia, 2012
Areia e impermeabilizante

(Fotografia: Wilton Montenegro)

Em palestra no Instituto Moreira Salles (Rio de Janeiro), Waltércio Caldas⁷ falou de uma certa dimensão dos livros, situando-os como “objetos da família dos espelhos e dos relógios”, uma vez que, “de certa maneira, eles se reproduzem por dentro, eles são maiores por dentro do que por fora, eles têm ritmo, eles têm sequencia, eles têm estrutura de avanço, são objetos visitáveis de certa maneira...”. Neste sentido, pode-se pensar que os vídeos do livro e dos corredores do shopping se complementam não apenas pelo fato de o segundo revelar a ambiência dos

desenhos esquemáticos sobre o *Le Vignole*, como também por criar uma profundidade espacial para essas páginas, “reproduzindo-as para dentro”.

Adentrando ainda mais esses corredores e vitrines, retorno à casa dos meus avós, ao sótão com seus mistérios, a tia avó era uma assassina, e disso não se podia falar. Anthony Vidler, ao tratar do estranho na arquitetura, fala das casas assombradas pelas “umbricações do drama familiar”,⁸ cujos telhados foram, na arquitetura modernista, substituídos por um jardim, sem que nenhuma fenda fosse deixada para armazenagem.⁹ No Shopping de Copacabana a ventilação e iluminação de seu projeto modernista são invadidas por um comércio bolorento, que nos leva para um outro tempo, irrecuperável, mas que nos contamina com seus suvenires “arqueológicos”.

Finalmente, quando a casa dos avós foi vendida, herdei uma penteadeira, com um espelho de corpo inteiro, que ficava no quarto em que costumava me hospedar. Lembro-me então, agora, de outro livro retirado das mesmas estantes do *Le Vignole*, e que me aguarda paciente: *Le livre du propriétaire et du locataire. L'Art de bâtir, meubler et entretenir sa maison*, de Ris-Paquot, sem data de publicação, provavelmente do final do século XIX. É uma espécie de manual que trata de várias dimensões da habitação, desde sua história, passando pela construção, o mobiliário, a restauração, o emprego de materiais como o estuque e o verniz, e, ainda, a regulamentação francesa que, na época, orientava as construções. Em síntese, o livro junta vários aspectos da moradia, do mais intimista ao técnico e impessoal. Como parte desse universo, o mobiliário também pode ser pensado como uma arquitetura diminuta e, assim, a minha penteadeira é uma peça da estrutura temporal de uma arquitetura com espelho, ainda o mesmo lugar de projeção de minha infância, “estrutura de avanço”, que reflete/abarca o corpo e o espaço, como parte de uma arquitetura mental.

NOTAS

¹ GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*, p.154.

² *Ibid.*, p.155.

³ *Ibid.*, p.158.

⁴. “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere)”. In: BARTHES, R. *A Câmara clara: nota sobre a fotografia*, p.46.

⁵ The second kind of warping is that produced by the forced intersection of different media—film, photography, art, architecture—in a way that breaks the boundaries of genre and the separate arts in response to the need to depict space in new and unparalleled ways. [...] This intersection has engendered a kind of “intermediary art, comprised

of objects that, while situated ostensibly in one practice, require the interpretative terms of another for their explication". In: VIDLER, A. **Warped space: art, architecture, and anxiety in modern culture**, p.VIII.

⁶ Ibid., p.10.

⁷ Palestra realizada em 13 de março de 2012. Vídeo disponível no site: <http://www.revistaserrote.com.br/?p=1719>

⁸ VIDLER, A. **The Architectural uncanny: essays in the modern unhomely**, p.64.

⁹ Ibid. p.63.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1993.

VIDLER, Anthony. **The architectural uncanny: essays in the modern unhomely**. Cambridge/ London, England: The MIT Press, 1999

_____. **Warped space: art, architecture, and anxiety in modern culture**. Cambridge/ London, England: The MIT Press, 2001.

Regina de Paula

Artista, doutora em Artes Visuais pela EBA/UFRJ e professora adjunta do Instituto de Artes / UERJ. Suas últimas individuais foram *Tratado elementar de arquitetura* na Galeria Mercedes Viegas e *Miragens*, Projeto Cofre, Casa França Brasil, todas no Rio de Janeiro (2012). Foi artista residente do Centre d'Art Passerelle, em Brest, França (2005) e indicada para o prêmio Pipa 2011.